

# RECADO DE UMA GAROA USADA

FLAGRANTES DE SÃO PAULO E CRÔNICAS SEM ITINERÁRIO

ORGANIZAÇÃO E PERFIL BIOGRÁFICO  
POR CELSO DE CAMPOS JR.

OSVALDO MOLES



PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES  
ESTÚDIO CANARINHO

GAROA  
LIVROS

# APRESENTAÇÃO

Entre os inúmeros escritores e poetas que tiveram como musa inspiradora a cidade de São Paulo, poucos legaram produção tão fecunda quanto Osvaldo Moles. Exemplo incomum de sucesso de crítica e de público, este jornalista nascido em 1913 transitava com desenvoltura pelo erudito e pelo popular – não raro, juntando esses opostos em sensacionais textos veiculados nos jornais *Diário da Noite*, *O Tempo* e *Folha da Noite* e nas rádios Bandeirantes, Record e Tupi.

Repórter-cronista flagrando o cotidiano com sua prosa pontuada por poéticos devaneios e impagáveis tiradas humorísticas, Moles capturou com sensibilidade toda a órbita de uma Piratininga que deixava de ser província e se insinuava como metrópole. Deu voz, em especial, à população atropelada pelas autoridades e pela literatura, uma gente que, na precisa definição do jornalista Herminio Sacchetta, “não figuraria na história oficial senão pelo grotesco ou como fator de perturbação de ordem pública”.

O talento para transmitir a alma paulistana lhe valeu uma infinidade de galardões: foram nada menos do que doze troféus Roquette Pinto, espécie de Oscar da era de ouro do rádio, pela criação de programas que retratavam as alegrias e as agruras da Pauliceia – caso dos célebres “Histórias das Malocas”, “Nossa Cidade”, “O Crime não Compensa”, “História da Literatura Brasileira” e “Terra dos Bandeirantes”.

Também foi premiado como roteirista de cinema e compositor; Adoniran Barbosa, seu pupilo e parceiro em sambas clássicos como “Tiro ao Álvaro”, referia-se a ele como “gênio”.

Entretanto, desde sua morte precoce e surpreendente, em 1967, o nome de Osvaldo Moles vem sendo derrotado no braço de ferro contra o esquecimento – sentença recorrente em um país desmemoriado. Transmitir sua obra às futuras gerações, pois, é o primeiro passo para corrigir essa injustiça histórica. Recolocá-lo no posto merecidamente conquistado ao longo de sua carreira é dívida de honra não apenas com o cronista, mas também com a cidade e com os personagens por ele eternizados.

Este livro foi concebido tanto como um reencontro para aqueles que já conhecem o trabalho de Moles quanto como uma introdução aos que ainda não tiveram esse privilégio. Sob a premissa de que não há melhor cartão de visitas do que suas crônicas, a obra reúne 79 delas, selecionadas de um conjunto de mais de 300 peças literárias – garimpadas em seu acervo pessoal, em acervos de jornais e bibliotecas e no livro *Pique-nique Classe C*, esgotado há mais de cinco décadas.

Optou-se, nesta edição, pelo encadeamento dos textos fora de qualquer classificação – até pela impossibilidade de determinar a data exata dos originais ou mesmo o veículo de publicação de alguns deles. Também não foram incluídas notas de rodapé ou contextualizações históricas, por se considerar que as crônicas, ainda que escritas sob o calor de determinado acontecimento, constituem um universo próprio e atemporal. O leitor pode até deixar de compreender uma ou outra referência a fatos, personalidades ou até mesmo vocábulos pouco conhecidos na atualidade; guiados pela pena hábil do autor, porém, nunca perdemos o fio da meada.

Finalmente, para uma apresentação completa de Osvaldo Moles, não se poderia separar as criaturas do criador. Tão interessantes e admiráveis quanto seus textos foram sua vida e sua carreira – aliás, suas carreiras, no plural. Por isso, este volume traz ainda um ensaio biográfico do escritor – ou jornalista, ou radialista, ou compositor, ou publicitário, à escolha do freguês –, ilustrado com fotografias de seu álbum de família e reproduções de documentos, manuscritos e roteiros de rádio.

Senhoras e senhores, sejam bem-vindos ao universo do dinamismo criativo chamado Osvaldo Moles.

# Uma velha chapa já batida...

(PARA A "FOLHA DA NOITE")

Por OSWALDO MOLES

A dedicatória é assim: "Para que me recordareis". A natureza, de cara, se vingou das falhas de gramática e colocou, debaixo do nariz do homem, duas vírgulas. O bigode dele parece um monoplano sem motor. A mão esquerda está honestamente pousada sobre o ombro da cara-metade. A direita segura um chapéu de aba virada à altura do peito. A mulher está sentada, com o seu vestido de domingo. É o mesmo vestido do casamento, que veio sofrendo metamorfoses modísticas. E, espalhadas esteticamente pelo



chão, pelas cadeiras, pelo colo, crianças, muitas crianças de ambos os sexos. Este é o clássico retrato de família. A fotografia é a arte de conservar, na geladeira do tempo, o presunto do passado. É uma espécie de volta ao narcisismo. O passado está ali, flagrante, objetivo, em fatias de papelão com as quais se pode recompor toda a história física de uma vida: "eu, quando nasci", "eu, quando tinha dois anos", "eu, quando fui batizado", "eu, quando fiz a primeira comunhão", "eu, quando tirei meu diploma de grupo", "eu, quando completei 21 anos", "eu, quando sentei na praça", "eu, no dia do meu casamento", "eu, quando morri".

Não há quem não goste de ser fotografado. Porque a fotografia é um espelho imóvel, que guarda, por muito tempo, a imagem refletida. E não há quem, olhando para uma fotografia própria, não sinta uma espécie de vontade interior acendendo o isqueiro do narcisismo... Existem muitos tipos de fotógrafo nesta velha aldeia de Piratininga. Alguns, no Viaduto do Chá, agriDEM os transeuntes, fazendo-lhes crer que foram fotografados à traição. Existem os "artistas" da Avenida São

João, que fazem as famosas "fotos de família". E, nas suas vitrines, mostram as suas "obras-primas". Algumas, são potências como uma festa de casamento. Outras são no centro, no ponto de partida. — homens de negócios e de capa, fumando cachimbo. Homens fantasiados de seus dias. Modistas com penteados antigos. Vitrines de fotografia e uma espécie de museu de casa cheia de adereços... Os mais simpáticos e os que ficaram ligados, pelo cordão umbilical, a natureza, são os fotógrafos do jardim da casa. São aqueles que foram entomados, que foram entomados... (Conclusão da página 1)

## UMA VELHA CHAPA JÁ BATIDA...

A fotografia é a arte de conservar, na geladeira do tempo, o presunto do passado. É uma espécie de volta ao narcisismo. O passado está ali, flagrante, objetivo, em fatias de papelão com as quais se pode recompor toda a história física de uma vida: "eu, quando nasci", "eu, quando tinha dois anos", "eu, quando fui batizado", "eu, quando fiz a primeira comunhão", "eu, quando tirei meu diploma de grupo", "eu, quando completei 21 anos", "eu, quando sentei na praça", "eu, no dia do meu casamento", "eu, quando morri".

Não há quem não goste de ser fotografado. Porque a fotografia é um espelho imóvel, que guarda, por muito tempo, a imagem refletida. E não há quem, olhando para uma fotografia própria, não sinta uma espécie de vontade interior acendendo o isqueiro do narcisismo... Existem muitos tipos de fotógrafo nesta velha aldeia de Piratininga. Alguns, no Viaduto do Chá, agriDEM os transeuntes, fazendo-lhes crer que foram fotografados à traição. Existem os "artistas" da Avenida São

João, que fazem as famosas "fotos de família". E, nas suas vitrines, mostram as suas "obras-primas". Algumas, são potências como uma festa de casamento. Outras são no centro, no ponto de partida. — homens de negócios e de capa, fumando cachimbo. Homens fantasiados de seus dias. Modistas com penteados antigos. Vitrines de fotografia e uma espécie de museu de casa cheia de adereços... Os mais simpáticos e os que ficaram ligados, pelo cordão umbilical, a natureza, são os fotógrafos do jardim da casa. São aqueles que foram entomados, que foram entomados... (Conclusão da página 1)





João, que geralmente adotam um slogan - “o fotógrafo dos artistas, o artista dos fotógrafos”. E, nas suas vitrines, figuras de cabaré mostram poses tedabarescas. Algumas são coloridas como uma cesta de legumes. Essas vão no centro. Em volta, os postais: homens de chapéu e de capa, fumando cachimbo. Homens fantasiados de caubói. Mocinhas com penteados antigos... Vitrine de fotógrafo é uma espécie de museu de cera cheio de aberrações.

Os mais simpáticos e os que ficaram ligados, pelo cordão umbilical, a Daguerre, são os fotógrafos do Jardim da Luz. Suas máquinas parecem ter sido encontradas em túmulos egípcios. E é um espetáculo ver uma família inteira tirando um “instantâneo”, que geralmente, só para estudo de pose e de grupo, leva uma hora. O fotógrafo - entendido - manda levantar o queixo, sorrir, levantar mais a cabeça, prender a respiração, inchar o peito, aproveitando para pegar no queixo das mulheres. As crianças é que não param... Nascer, então, as promessas de passarinho: “Olhe para cá que vai um passarinho”... A criança olha... O fotógrafo, embaçado no seu pano preto, enfia mais a cabeça no caixote, e, dionisiacamente, vitoriosamente, aperta a seringinha que abre a objetiva. “Pronto. Vai sair muito bom.” É só dar uma voltinha pelo jardim e voltar para boquiabrir. O grupo desaparece. Torna a aparecer. O fotógrafo mostra. Todos analisam: “Veja eu como saí gozado!...” O fotógrafo cobra. Fazem uma “vaca” e pagam, gostosamente, o preço da fixação da vaidade sobre o papel brilhante de terceira. Só quem não está satisfeito da vida é o Juquinha. Emburra. Por quê?

- Porque o fotógrafo disse que ia sair um passarinho e saiu o nariz dele!

Assim se fotografam as famílias dos bairros de São Paulo cujo divertimento máximo é ir comer amendoim no Jardim da Luz e ver os macacos e os cisnes. A fotografia vai para o álbum. E mais tarde, quando as crianças estiverem crescidas, vão mostrar:

- Olha eu, quando era criança!

## A CASCAVEL COM ALMA

Éramos cinco, sem contar a tarde. Uma dessas tardes que Deus mandou para a lavanderia, em que a chuva formava grades. Estávamos presos ali, no boteco. Muitos transitórios carregavam o *habeas corpus* do guarda-chuva e se derretiam na paisagem com um horizonte de até-amanhãs e até-logos. Lá fora a gente podia ver um litro vazio em que a chuva fazia tiro ao alvo. Daí a pouco seria, fatalmente, um litro de água de chuva que ninguém beberia. Eu estava pensando em engarrafar a chuva para vender como elemento diurético quando dona me interrompeu os planos. Dona conversa.

O Demóstenes - também chamado Urubu Sambista - disse que “pobre só anda de avião quando aribú dá carona”. E o Lazo informou que água de chuva quente faz bem pra tosse. Eu confesso que não entendo nada dessas coisas que fazem bem. E me lembrei da frase: tudo que é bom ou é imoral ou faz mal pro fígado. De sorte que, nessa conversa de curas, fiquei mais de fora que joelho de escoteiro.

O Mata-Alifa - assim chamado porque afirma que matou de um muro, num circo, um elefante enfurecido - cuspiu grosso para pedir a palavra, uma coisa que nem precisava pedir porque estava ali, dando sopa para quem quisesse. E foi dizendo: “Argum docês já se argolô como chapa de cobra?”

E esperou quatro compassos, mas ninguém aceitou o desafio do orquestrador. E o Mata continuou: “Naquele tempo eu tava no mato, pirado da justa. Numa noite quente, entrei numa cova, visti o meu pijama de núvis e deitei no hoter das estrelas. Tô puxano o ronco quano senti

um sorvete no pé. Arreparei e vi que era uma cobra fazeno o fute no meu pisadô”.

Alguém perguntou logo: “De que marca era a cobra?” “Era da nação das cascavé do brejo”, retrucou o Mata. “E eu tava naquela ânsia percebeno a bichinha faze cafuné ni mim, que nessa artura ela já tava na minha cabeça.” Alguém riu e disse: “Cobra pensa que pixaim de tiziu é matinha de carrapicho”. E o Mata continuou: “Fiquei mais quieto que rico quano a gente pede gaita. E, naquela quietude da noite quente, peguei no sono de cansado. De manhã, alembrei da cobra. E ela tava lá puxano o ronco, porque o risco dos zoio tava apagado. Intão eu manjei bem ela e vi que a cumprida tava chumbada de tiro. Fiz uma boquêra de cipó pá agaranti as murdida e distraí a bala ca minha faca. E lá fiquemos nós, eu mais a Doroti, morano na cova. Ela duente e eu tratano”.

O “Dente de Portão” – por causa das falhas da frente – riu: “Era cobra curintiana?” O Mata nem ligou para a piada e prosseguiu: “Vai daí, um dia, a justa me pegô eu na amarra e eu fui vê o sór nascê escossêiz. Numa noite, eu tava naquela madorna, quano vi um vurto lá fora, me espiano pela grade. Intão vi que um braço esquisito se agrudô na primêra barra da grade e arrancô. Arrancô a sigunda, a tercêra... inté fazê luiz pra mim saí. Eu saí de surrate e procurei a pessoa que tinha aberto as grade. Era a Doroti, a cascavé minha liga. Quano eu ajustei os meus gáio com a justa, a Doroti ficô comigo, me ajudano a afaná penosa. Nunca mais largô eu”.

Então, meio comovido, o Mata abriu o peito da camisa e mostrou o que tinha pendurado no pescoço: um chocalho de cascavel de grande estimação.

E enxugou os olhos.

Como os grandes espantos secam a garganta, nós enxugamos os copos. E a noitinha vinha agora caindo enxuta.

## SAUDADES DO BONDE TAMANDARÉ

Quando termina o trabalho, a cidade é amiga. A cidade confraterniza na mesma felicidade. Desgraça de uns, alegria de outros. Morre o dia para nascer o contentamento dos que estampam no rosto o prazer da faina concluída. E, assim, parece que todos têm mais acentuado o espírito de fraternidade.

O guarda-livros, alforriado dos xadrezes de linhas horizontais e verticais do “Razão”, encomprida um olhar vitorioso para o promotor liberto da tarefa de prender gente. E, na fila do ônibus, parece que os homens porejam cristianismo. Pedem licença uns para os outros. Conversam entre si. São todos relativamente irmãos.

É porque chegou a hora do desfalecimento de energias. Os homens estão cansados de lutar entre si. E se lembram de que são “seus” semelhantes.

O dia vai, lentamente, agonizando.

De repente, uma luz mais forte inunda todo o céu. Também, parece que é a última visita da saúde, porque depois desse clarão o dia se extingue. O céu começa a fazer o racionamento do sol. E uma noite cai de barco na cidade grande.

Depois, a tristeza começa a pintar tudo. Uma chuvinha se lembra de cair. Os globos das luzes são gemas de ovos luminosos debaixo da chuvinha. Começa a passar a procissão de cogumelos. Cogumelos pretos que lembram um homem deslembado por essa humanidade que por certo deu seus primeiros vagidos em Colenho: o chanceler Neville Chamberlain.

Uma coisa puxa a outra. E logo depois de Chamberlain – o cérebro do homem parece bala puxa-puxa –, eu me surpreendo em grandes cismares sobre o bonde Tamandaré.

Que bonde humilde era o Tamandaré. Humilde e modesto. Se São Francisco de Assis tivesse conhecido o Tamandaré, o chamaria de “o irmão bonde”. E com o dedo mínimo, estendido para a frente, como o próprio santo, havia de lhe reprovar a boemia. Sim. Não restava dúvida de que o Tamandaré era um boêmio. Aparecia de vez em quando. Nunca teve muito horário certo e visitava toda a cidade. Na Praça da República ou na Rua 25 de Março, nas mais desconcertantes latitudes, lá estava ele. Era um bonde-deus. Estava em toda parte. Palavra de honra que aquilo me intrigava desde que me conheço por gente.

Afinal de contas, um bonde é um cidadão que nasce com destino certo. Que sai de casa de manhã sabendo o que é que vai fazer. Tem horário como qualquer amanuense e nunca muda de itinerário. Não muda de opinião, portanto. O itinerário é a opinião do bonde. Se esses veículos fossem políticos, seriam tachados de “retos”, de “intransigentes”.

O Tamandaré, não. Era exatamente o avesso dos outros bondes. Aderia a todos os destinos e nunca saía de casa com roteiro certo. Não tinha convicções. Era uma espécie desses homens que nunca sabem para onde vão, porque não têm o que fazer. O bonde Tamandaré olhava a vida de toda a cidade. Ia espiar como é que iam os preços no Mercado Municipal, examinava o valor e o atrevimento dos chapéus da Barão de Itapetininga e visitava os doentes da Santa Casa. Um bonde futingueiro e passeador, é o que ele era.

Foi isso que me deu vontade de viajar naquele bonde. Ele passava também pela Rua Líbero Badaró. E, numa dessas tardes em que a gente se encontra sem ter o que fazer – assim como o Tamandaré –, eu quis realizar uma grande viagem. Uma grande viagem em volta da cidade, para constatar com meus olhos o que o Tamandaré fazia em tão grandes caminhadas.

Estava chovendo, também, assim como hoje. Como hoje, a cidade terminava a sua sinfonia de volta ao lar. E havia um contraponto. Os

moleques dos jornais que apregoavam uma tragédia que ninguém percebia: “Morreu o Chamberlain”.

A gritaria dos jornaleiros não convencia ninguém. E até, se não me engano, alguém comentou:

– Empacotou o camarada mais bocó do mundo.

O “camarada bocó” era o Chamberlain.

Foi nesse instante que cheguei para um general da Light e pedi informação sobre o bonde Tamandaré:

– Ah... o Tamandaré? Morreu.

Tinha sido extinto. Tragédia sem importância para muitos. Mas eu fiquei como que meio triste, porque o Tamandaré era um verdadeiro amor de bonde. E senti uma espécie de nó na garganta, assim como quem perde o último trem. Alguns jornais fizeram o necrológico de Chamberlain. Ninguém fez o elogio fúnebre do bonde Tamandaré.

Mas nós todos devemos glorificar aquele bonde no qual jamais alguém andou no estribo. Eu quero que todos se lembrem de que existiu um bonde com aspecto de vira-lata que nunca marcou encontro com passageiros. Era vadio e sem razão de ser. Mas tinha qualquer coisa de fabuloso no seu aspecto humano. Tinha aura de menor abandonado pelo desprezo que lhe votavam os outros bondes seus colegas.

É por isso que o bonde Tamandaré dá uma grande saudade na gente – uma saudade branca, sem grandes vertigens, mas uma saudade que macera a alma.

Que saudade eu tenho do finado Tamandaré.



ESTEVÃO RONAI  
 PAPELEIRO  
 Travessa do Grande Hotel, 5  
 S. PAULO  
 Preço: *1000*

2º Feira  
 Algebra  
 Portuguez  
 Agr. Indus.  
 Francez  
 3º Feira  
 Ingles  
 Phisica  
 Chimica  
 Geometria  
 Geo. Economica  
 4º Feira  
 Hist. Natural  
 Portuguez  
 Cont. Agr. Indus.  
 5º Feira  
 O. Mors  
 6º Feira  
 Geometria  
 Geo. Economica  
 Ingles  
 Algebra

Horario das aulas

2º Feira  
 Ingles  
 Mechanographia  
 Cont. Agr. Indus.  
 3º Feira  
 Portuguez  
 Geometria  
 Algebra  
 Francez  
 4º Feira  
 Hist. Natu  
 Cont. Agr. Indus.  
 Geo. Econo  
 5º Feira  
 Ingles  
 Portuguez  
 Geo. Economica  
 Phisica  
 6º Feira  
 Francez  
 Geometria  
 Algebra  
 Chimica

## RECORDAÇÃO DE ESCOLA

A gente ia, então, para a escola com um pé calçado e outro descalço. Sempre com um pé calçado e outro descalço e com o dedão amarrado num pano para fingir que estava machucado. As professoras já nem se desesperavam mais, e o fato era tido como natural, bondosamente aceito. É que todas sabiam que criança pobre divide o par de sapatos com o irmão.

De sorte que ali, no Grupo do Pari, todo mundo andava sempre com um pé de fora. Só o Peixotinho é que exhibia sapatos duplos, de cores marrom, amarelo, branco e azul. Mas nós, filhos de gente que não podia ter filhos, era sempre de dedão à mostra. Muitos eram tão pobres que não podiam sequer trocar o pano do fingimento. O Peixotinho, não. Se ele pudesse, vinha até com sapatos nas mãos, pra mostrar que tinha e pra despertar inveja. Que inveja tínhamos, então, do Peixotinho. Era ele que, primeiro, aparecia com a vacina contra a varíola. E se a vacina "pegava", lá vinha ele, todo orgulhoso, mostrar o feridão no braço. Que inveja que a gente tinha do feridão! Houve um dia, então, em que o Peixotinho apareceu com o braço quebrado num desastre do "automóvel de papai". Todo mundo quis ver: "Deixe eu ver", "Deixe eu dar uma voltinha nesse gesso"? E que inveja do braço quebrado do Peixotinho, que lá exhibia a tipoia e o aparelho de gesso com um heroísmo sádico, fazendo a gente miúda sentir-se ainda mais diminuída.

Até que um dia, no quarto ano, apareceu o professor Marcondes e nos consolou a todos, porque devia ser tão pobre como nós outros. Vinha no terno que já se arrependera de ter sido celestialmente azul.

Tão magro e tão ríspido, tão severo e tão anguloso, que parecia, parado, um tratado de trigonometria.

Ninguém gostava, assim francamente, do professor Marcondes. Mas, um dia, acabou sendo ele o nosso orgulho e a nossa consolação. É que o Francisco Spataro descobriu. Descobriu por que o professor Marcondes nunca dera até então as costas aos alunos, nem mesmo quando escrevia na pedra. Ficava de lado, ocultando muito a parte traseira do corpo. E o Francisco, combinado com todo mundo, um dia, sorrateiramente, se esgueirou entre as carteiras e foi espiar no local estratégico.

No recreio, veio a nossa grande revelação.

- Ele tem as calças rasgadas.

E então, sem uma risada, com uma tonalidade de melancolia nos olhos, cada um de nós olhou para os próprios pés: um calçado e um descalço.

Nós ainda podíamos amarrar o dedão. E o professor Marcondes, que não podia amarrar o traseiro das calças?